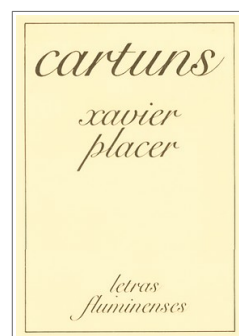


TÁBUA



Esses poemas

O dicionário
Testamento
Sardinheiras
Anacapri, ou o Livro
Homenagem a Borges
A poesia
Beatriz Cenci
Contra Flaubert
Ecologia
Dono do mundo
As oferecidas
Oh, não
No ônibus
Acontecido
As teinhas
Crônica
Jerônimo
O berilo
Grafito
O buquinista
Nausicaa
Han Fook

LETRAS FLUMINENSES - 1990

Orelhas do livro

Datilografia: Celio Moreira Placer
Revisão: Flavio Moreira Placer
Diagramação: Carlos Couto

Sob os cuidados de Aderbal e Luiz Falcão - CARTUNS - escrito entre maio/1988 e outubro/1989, foi impresso pela GRÁFICA FALCÃO LTDA, situada à Rua Saldanha Marinho, 219, Niterói - RJ. terminando o trabalho no mês de janeiro/1990.

*Esses poemas que os poetas escreveram
e rasgaram – nenhum gesto se perde, nenhum
ato – ficam registrados.
Não sabemos como, mas ficam.*

*Alguma coisa,
qualquer imagem um achado um dizer
ali, artesanais, quirografados,
riscados e tramados – brutos –
legíveis em parte, em parte não...*

*Penso neles
entre lêmures larvas natimortos,
devem habitar o limbo, esses poemas,
resgatáveis por uma semiótica a inventar
ou há que respeitá-los,
deixá-los lá, perfeitos em sua imperfeição ?*

O DICIONÁRIO

É outro universo!
Está tudo no grosso livro.
Também a poesia, toda a poesia.
Por etimologias, abonações.
por entre agressivos prosaísmos,
nele a poesia se entranhou.

Silente,
plena de natural rubor,
em ordenadas colunas por página,
basta deixar fugir a caça, esquecer
o que de utilitário se ia buscando.

E surpreendê-la!
A poesia que se entrega.

*penetra surdamente no reino das palavras.
CDA: Procura da Poesia.*

TESTAMENTO

EU, Abderramán III,
califa da ilustre Córdoba,
por meio-século reinei.
Na guerra andei meu cavalo
minha espada me deu fama,
coroei, na paz, as letras.
Riqueza honra prazeres,
chegava tudo a um aceno:
aparentemente nada faltou
a tanto poder.

Mortal, quem quer que sejas,
não esperes aqui felicidade.
Isto te deixo em meu escrito:
meus dias felizes neste mundo
cuidadosamente os contei,
– sobem a catorze.

*recortado de um escólio às obras
de Vauvenargues.*

SARDINHEIRAS

Geranium maculatum, Linnaeus
informa a ciclopedia.
É esta É isto! Gerânio,
o de rutilantes flores.

Afina o ar; o odor forte
pronto! invade a casa
sem cerimônia.
(toda uma frota pesqueira
desembarcando na areia
de um litoral inexistente
luzidias sardinhas).

Eis já o leva o mesmo sopro,
que um momento lhe deu corpo.

sardinheira:
nome popular do gerânio em Portugal.

ANACAPRI, ou O LIVRO

Ora em Anacapri havia um castelo

Depois não houve, no qual
Tibério, o rei ressentido,
ouvia astrólogos, se divertia
(dizem) com meninos romanos,
banhando-se na Gruta Azul...

Ora em Anacapri havia um castelo.

Agora há dois castelos em Anacapri.

O primeiro

refeito de pedras

O segundo

boa-nova de amor

a bichos, a gentes – morte e vida –
um castelo mais durável – um Livro.

Dr. Axel Munthe: O Livro de San Michele.

HOMENAGEM A BORGES

Certamente
não era o acontecer de um tempo novo.
Apenas um interregno, renôvo
brevíssimo a louvar no coração.

Reunindo toda a seiva, em despedida
a palma real um dia floresceu,
com profusão maior – aquele homem
no poeta que ele era, amanheceu.

Não mais a minuciosa perfeição.
A noite. Os labirintos. Não o pudor
de ser-feliz. Sabe a gratuidade
dos trêmulos minutos. É seu pão
a oferta das manhãs... Meditador,
palavras não o inquietam. Espera nada.

*en aquel tiempo, buscaba los atardeceres
y la desdicha; ahora, las mañanas
y la serenidad. J.L, Borges: Obra Poética.*

A POESIA

Belo, belo é o que inexistente.
A poesia tem seu castelo
com lustres e corredores.
Amante demente, chame-se
escuridade arabescos
ou fantasia tirânica.

E nega-se toda a recursos
habituais do discurso.
Ferrugem de vinho entornado
no linho da toalha limpa,
como lhe ardem os olhos!
Condição para haver poema ?

Pois que não haja poema,
no princípio era o caos.
Fragmentos de mundo imperem,
prelúdios em dissonância,
ausências tensão xadrez,
nunca o espelho do real.

*versos quase didáticos
des-mareados por um naufrago.*

BEATRIZ CENCI

Beatriz tinha quinze anos.
Beatriz tinha um corpo gentil.
Menos a altivez romana
isso não, das filhas do Tibre.

Vozes da noite a escusavam
ai! e o coração aprovava:
– Nobre será a vingança,
contra um pai incestuoso.

Em Roma, no palácio Barberini,
pode-se ver hoje o seu retrato
um dia antes do patíbulo.
Guido Reni pintou.

Gritam, e arredondam-se
os enormes olhos de Beatriz:
"COMO É POSSÍVEL, Ó DEUS!
QUE EU DEVA MORRER AMANHÃ."

recortado de Stendhal: Les Cenci.

CONTRA FLAUBERT

Suadamente trabalhas a reunir o dossiê
da estupidez humana.

Quanto desprezo pelo homem, implacável
Mestre! para fabricá-lo na pele
de teus dois copistas, Página a página
rebusco a quase obra-mestra inacabada,
diligencio detectar perdida frase
escondida num escaninho, qualquer
coisa como:

Bouvard e Pécuchet sou eu!

Só encontro, o quê? sarcasmo e náusea,
para tudo dizer, – um grotesco Quijote
às avessas.

*une noche en el Père Lachaise, Bouvard y Pécuchet
entierran la poesía – en honor a la verosimilitud.
Ortega y Gasset: Meditaciones del Quijote.*

ECOLOGIA

A luz cai a reto nas poças;
O limo azula sobre as pedras.
O ozônio cheira a capim.

Por onde o levam as pernas,
com seu cão de farejar
vai o botânico-amador
ligado em sua reveria,
herborizando.

De-repente
martela aquele deserto,
envenena o ar de fuligem
– tiro no concerto –
UMA INDÚSTRIA DE MEIAS.

*...à vingt pas du lieu même où je croyais être parvenu
le premier j'aperçois une manufacture de bas.
Rousseau, Les Rêveries du promeneur solitaire (1778).*

DONO DO MUNDO

Agora seria (digamos) furo de reportagem,
naqueles dias foi segredo militar
que teria podido mudar a história –

Júlio César, cessadas as conquistas
dos povos bárbaros para o fúscio da República,
a se extraviar com seu estado-maior
uma noite, por atalhos, até que pela madrugada
um camponês naquelas plagas,
largando o arado no campo de trigo,
vem à margem e guia-os à estrada real.

A César!
que desafiando o azar
avançava para cruzar o Rubicon,
apoderar-se de Roma,
coroar-se imperador de metade do Mundo...

*... diu errabundus tandem ad lucem duce reperto,
per angustíssimos tramites pedbus evasit;
consecutusque cohortes ad Rubiconem flumen...
Suetonius: De Vita Caesarum, J. Caesar, XXXI.*

AS OFERECIDAS

É escrever!

não há outro outro recurso
os versos que me rogam toda-vez.

Falo das rosas, aquelas
na trilha-horário de cada dia
atrás da murada, Aliás
nem de todo atrás...

Debruçam-se,
vêm fazer o *trottoir* na praça,
roxas azuis fogosas encarnadas!

É rápido,
e eu lhes atiro também rápido:
a rose is a rose is a rose is a rose.

uma rosa é uma é uma rosa é uma rosa.
verso famoso de Gertrude Stein, que deixo
ao leitor(a) a tarefa de localizar.

OH, NÃO

Não me arriscarei ao mar de Angra
para na Ilha Grande-Abraão, nesta tarde
ver de perto a Quinta do Morcego,
em pedra e cal erguida, MDCXXIX,
por Don Juan Lorenzo, pirata e espanhol.

Mais quero, Itamar! o arquipélago-vertigem.

E fecho os olhos, quanto basta
para de terra me pôr a delirar veleiros,
bandeiras de seda negra, arcabuzes, afiadas
adagas, abordagens,
e porcelanas da China, gemas, caves, cofres
– esconderijo seguro de tesouros – ouro
pepitas de ouro, de ouro!
femininas tranças desnastradas, pratarias...

Passa no vento a alma danada de Don Lorenzo.

*recortado do romance-rio de Mário Peixoto:
O Inútil de Cada Um.*

NO ÔNIBUS

Desligado, vou lendo Proust
na virada de uma página
(e o espanto dura no enquanto
de juntar meus pedaços)
êh! a paisagem no vidro
devolvida ao contrário -

Rodilhas de nuvens pelo céu,
curvas de nível, cores...
Pontiagudos pinheiros verdes
na paleta de um pintor de rua,
telhados movimentados em planos
e a fragrância, ao fundo, de um mar nu,

como no longe-perto de um poster.

*... quelle joie de voir dans la fenêtre et
dans toute les vitrines des bibliothèques
la mer nue.
Proust, À l'ombre des jeunes filles.*

ACONTECIDO

Pesam as palavras
o meu tema é leve:
beija-flor no vidro,
do lado de dentro.

Colhi o frenético
(medo de amassá-lo!)
que foi num arranco
pros méis donde vinha.

(No oco da mão
memória – de que?
de pluma, de uma
broca, porém fina).

*chupa-flor, cutelo, colibri.
Novo Dicionário AURÉLIO.*

AS TEINHAS

Pelo aí
há muitos eventos que ninguém repara.
Vêm-se amanhecidas em qualquer estação
teínhas de aracnídeos no gramado.

São ócios dos dedos noturnos do orvalho,
pequeninas redes finas, alvas,
touquinhas de criança recém-nata,
feitas em algodão de fibra curta.

Que se vão dissipando, assim que o Sol
mostra pressa de se pôr ao alto –
porém não tão depressa: têm
a resistência das frágeis, gráceis coisas.

*véspera de coisas, ou coisas! - a soerguer
da sucata ao poema.
Do livro - SIM - do autor.*

CRÔNICA

Vínhamos de Guarapari.
Falei ao professor, à janela do ônibus,
da beleza do verso:

Incessu patuit dea.

Me corrigiu: *Incessu vera patuit dea*,
estava em Virgílio, Liber I, e continuou...

O ar da manhã prometia doce viagem.
Não foi o que topamos adiante:
a kombi destroçada, o rapaz morto ao volante,
sapatos sandálias tamancos dourados na lama.

As mulheres atiraram-se aos despojos,
eu debruçava a curiosidade pelo vidro,
enquanto o professor me repetia os desastres
nos tempos dos verbos latinos
propriamente irregulares.

pelo andar, revelou-se uma verdadeira deusa.
Eneida: I, 402.

JERÔNIMO

O sábado amanheceu na chuva.
Pancadas avisam:
o tempo não abre.

O telefone toca... É engano.
Liga ao sócio. Foi-se para o sítio.
Àquela hora, que fará a amante?

As crianças instalam-se na sala
com os brinquedos pros dias de chuva.

Barba por fazer,
resta só *O Globo*
o cigarro o bocejo,
seu corpo de tédio.

Em alguma parte
alguém muda a água das flores.

*Hyeronimo's mad againe.
De Thomas Kid via Eliot no The Waste Land.*

O BERILO

Passam bandeirantes
e o berilo verde lá...
Tem quase dois metros
por um de diâmetro.

Um agricultura o solo;
vende-o. Outro escava, escava
o subsolo. Desativa o garimpo
e o berilo verde lá...

Vem do asfalto um cunhado.
Cava para enterrar o tempo
e a pedra aflora-lhe
como verde dádiva.

Capricho do acaso ?
Ou graça gratuita
desde primas eras,
esperando um cunhado?

*recortado de imagens de tevê sobre
a descoberta do grande berilo em MG.*

GRAFITO

Um homem na Lua.
É isto o progresso,
desfeito o enigma!
Satélite em gesso.

Ora a Lua... Triste?
São Jorge a cavalo
desmontou. Cadê
o charmoso halo?

Nem adoradores
(Amantes e loucos)
já lhe curtem as dores.

Um conto de fada:
um homem na Lua.
– E depois? o *NADA*.

Et après? Le néant.
frase de um jornalista francês.

O BUQUINISTA

É um volume rendado pelo inseto,
falto de errata fólhos colofão,
comprado só por vício
de grisalho buquinista.

Deixa o sebo. Na rua, de-repente
vê: Fez um mau negócio!
Culpa cheio de raiva
o mercador, a si, o Universo.

Confere em casa:
tem, encadernada a edição
– e descarta, pela janela, a duplicata.

Ah! encontrou a nova forma
de crítica literária, – e
fuma ao nariz dos deuses fino cigarritos.

*je fume au nez des dieux des fines cigarettes.
Laforge: Le Sanglot de la Terre.*

NAUSICAA

Quero prosseguir. Rapsódia VI.
Os olhos param diante desse nome,
nome que se alonga nos reiterados AA,
onde por entre sílabas circula
a viração marinha; ao Sol que faz
me embarco mar azul afora...

Ó núbil filha de rei, Nausicaa!
te vejo e às tuas servas,
alvos braços de raparigas-em-flor
– na verdade uma flora vertical –
alçando a bola certa à cesta enquanto
ovaciona a multidão

no vídeo de uma olimpíada do século.

*... servas e ama, despidos os véus,
começaram a jogar a péla.
Homero: Odisséia.*

HAN FOOK

Com o mestre do Verbo perfeito
aprendeu o alaúde e a flauta,
muito mais dos silêncios do velho.
Duas vezes fugiu;
desertou aquele homem; duvidou de si;
retomou

e aprendeu dele a arte
de pôr nos versos o que é poesia
só poesia, mais nada.

Quando baixou da montanha,
os seus e a noiva já haviam morrido.

Na festa das lanternas do rio,
essa noite,
Han Fook disse ao alaúde os seus poemas
e cada ouvinte pensava com alegria ou paixão
no que amava ou aborrecia

– tudo dentro de Han Fook era canto.

*recortado de um conto - O Poeta -
de Hermann Hesse.*

ORELHAS

LEITOR(A) – não são poemas buscados pelo poeta-cartunista. Ao invés, achados em qualquer tempo e lugar e logo dados à linha-água do papel.

Também de impactos de leituras, antigas ou de agora, cujas fontes se indicam abaixo, qual procedeu ele em *Memorial* (1980), em cada página.

Compósitos; comparecem porém sem parecer lá muito estruturados. Tal, pelo menos, a intenção, - essa de fazê-los ao jeito de desenhos, embora espontâneos.

Versam todos, como disse, motivos dessa poesia que está por toda parte; aqui o vocabulário de signância não usadamente poética.

CARTUNS apresenta-se em linguagem direta, em geral denotativa. Ainda que escolhida. Isto e aquilo.

Da gráfica estória colhida no chão ou desentranhada, preferiu XP não o rigor nem a anedota, antes a invenção, o possível ao nível de poesia.

Poesia existenciária. Sem favor, leitor(a), têm o direito de participar. Versos livres, texto aberto. Tirem ou ponham, *ad libitum*.

Esta fala seja posta de lado. Para que balizas? Apenas continuem de moda as orelhas, e o autor me proibiu deixar em branco o espaço. Vale.

HUGO TAVARES